Medidas interdisciplinares, pós-colonialismo e estudos literários: contextos, problemas e propostas¹

Silvia Regina Gomes MIHO - UFGD²

Grahan Huggan, professor da Universidade de Leeds, pesquisador das questões que envolvem os estudos pós-coloniais, publicou em 2008 o livro *Interdisciplinary Measures: Literature and the Future of Postcolonial Studies*. Logo na introdução, Huggan faz um interessante comentário a respeito dos estudos pós-coloniais e sua proximidade com os estudos culturais e comparativos, levantando e discutindo uma série de críticas feitas ao pós-colonialismo, dentre as quais a generalização à qual ele pode levar, a amplitude de comparações e pensamentos, ora paralelos, ora divergentes, e, principalmente, os problemas que suas origens essencialmente interdisciplinares podem sustentar e até mesmo, multiplicar. O autor aponta duas abordagens para se pensar sobre estes problemas e se posicionar em relação a eles: a) abrir os estudos pós-coloniais através das disciplinas no sentido de se obter uma análise trans-disciplinar; b) enfatizar as dimensões multilinguísticas das literaturas e/ culturas e das críticas que a elas são aplicadas com o interesse de uma crítica cultural transnational.

A abordagem culturalista dominante nos estudos pós-coloniais leva Huggan a colocar uma questão que, para ele, não está resolvida: **“O que acontece com a literatura e os estudos literários quando estes são contornados visando uma análise cultural mais ampla ou instrumentalizados para o propósito de uma ‘crítica político-cultural global’?”**

Esta é uma pergunta muito pertinente e inquietante. Porém, antes de tratar de literatura, Huggan traça um panorama de diferentes fases e facetas dos estudos pós-coloniais, suas relações com outras disciplinas, suas intenções interdisciplinares. Este campo de estudos, tão recente se comparado a outros campos do saber em humanidades, desenvolve-se rapidamente, expande-se e questiona-se. Cito as primeiras linhas da introdução de Huggan: “Poucos campos de pesquisa podem ser tão contestados, pelo

¹ Este texto é uma resenha da introdução da obra *Interdisciplinary Measures: Literature and the Future of Postcolonial Studies*.(2008)

² Professora de Língua Inglesa – FACALE/UFGD

menos por seus próprios praticantes, como os estudos pós-coloniais, que continuam mostrando forte inclinação para escolher a si como principal objeto de seus próprios debates.”

Para tratar de literatura e o futuro dos estudos pós-coloniais, o autor recorre a um histórico desta área de estudos. Por esse motivo, os subtítulos desta introdução são: Pós-colonialismo como Comparatismo, Pós-colonialismo como Culturalismo, Pós-colonialismo e a ansiedade da Interdisciplinaridade, ‘Segunda geração’ do Pós-colonialismo, Pós-colonialismo o Literário. Os dois primeiros tratam das conexões que deram origem aos estudos pós-coloniais. Entretanto, a ‘virada cultural’ (*cultural shift*) dos estudos pós-coloniais possibilitou uma maior flexibilidade e maior proximidade com os estudos culturais contemporâneos, movimentos sociais e produção, mediação e consumo de processos de produção cultural, o que não era possível quando os estudos pós-coloniais permaneciam focados em definições de estudos pós-coloniais centradas em textos literários tomados como *locus* de crítica e de resistência antiimperialista.

A argumentação lúcida de Huggan coloca lado a lado prós e contras de todas as situações e contextos por ele abordados. As vantagens e a flexibilidade que a ‘virada cultural’ proporcionam ao pós-colonialismo trazem também, seu reverso, ou seja, a necessidade da interdisciplinaridade para abordar diferentes objetos dentro das produções culturais de diversas culturas pode acarretar - como advertem alguns pesquisadores pós-colonialistas de tendência mais conservadora - a exacerbação da confusão metodológica que é inerente a esta área de estudos, novas formas de a-historicismo e auto-engrandecimento teórico, diminuição e até mesmo subordinação dos estudos literários aos estudos culturais.

Uma primeira geração de críticos pós-colonialistas, tais como Said e Spivak, entre outros, afirmam claramente que são críticos literários atuando nas fronteiras disciplinares. Eles mantêm de certa forma, a especificidade histórica da literatura e da cultura dos textos por eles analisados e criticados, mantendo a concepção textual/ lingüística em primeiro plano. A segunda geração dos estudos pós-coloniais assume uma posição politicamente mais intervencionista, sendo uma forma de ‘ativismo cultural’. A literatura continua a ter um papel importante nestas novas formas de análise pós-colonialista. Mas, afinal, qual seria este papel?

Pós-colonialismo e a ansiedade da interdisciplinaridade

A ansiedade da interdisciplinaridade é uma presença constante no campo dos estudos pós-coloniais. Como em qualquer outro contexto, a ansiedade pode gerar algumas soluções para determinados problemas e investigações, mas também gera, concomitantemente, mais problemas e mais ansiedade. Huggan descreve tal cenário da seguinte maneira:

O que nós faremos nesta nova permissividade disciplinar, neste clima temperado no qual acadêmicos pós-colonialistas sentem-se justificados em trabalhar em campos que estão além de sua área de conhecimento específico? Até certo ponto, a abertura dos estudos pós-coloniais a perspectivas multidisciplinares é meramente a implementação prática de um *insight* teórico-político que já era central ao campo. Afinal de contas, dos expoentes das alternativas anteriores ao último paradigma de escolhas, os estudos pós-coloniais já tinham trabalhado liberalmente em um número de diferentes disciplinas – notadamente história, geografia, sociologia e ciência política – em seus esforços para desfazer as complexas assimetrias, e as não menos sutis cumplicidades, da regra imperial. O que é novo é um sentido, aguçado sem dúvida pelos sucessos institucionais dos estudos culturais, de que o campo pós-colonial está se transformando rapidamente no principal espaço para o uso experimental de métodos interdisciplinares de ponta nas humanidades e nas ciências sociais como um todo. (HUGGAN, 2008, p.4) *

No desenrolar de seu texto, o autor coloca algumas questões a respeito do que vem a ser ‘uso experimental de métodos interdisciplinares’. Primeiramente, ele discute algumas definições de ‘interdisciplinaridade’ nos programas de estudos culturais. Citando Janet Wolf, ele afirma que tais programas, mesmo que concebidos de forma expansiva e ampla, não garantem a interdisciplinaridade e que o próprio termo ‘interdisciplinaridade’ é muitas vezes confundido com seus correlatos semânticos não idênticos: intertextualidade e interdiscursividade. De acordo com Wolf, as abordagens dos estudos pós-coloniais são mais interdiscursivas que interdisciplinares.

* Esta e as demais citações deste texto foram traduzidas pela autora.

A seguir, o autor trata da problemática tarefa de se definir o que é 'interdisciplinaridade'. A definição do OECD (*Organization for Economic Cooperation and Development*) versa que: "Interdisciplinaridade abrange desde a simples comunicação de idéias à mútua integração de organização de conceitos, metodologia, procedimentos, epistemologia, terminologia, dados, e organização de pesquisa e educação num campo bastante amplo". (apud HUGGAN, 2008, p.5). Tal definição parece um tanto quanto vaga. Por isso, Ato Quayson procura delinear limites mais precisos e específicos para a interdisciplinaridade, distinguindo entre os conceitos de 'interdisciplinaridade sinóptica' (conceitualmente orientada, consiste em desenvolver teorias sintéticas que operam através de diferentes disciplinas e nos e nos variados processos de desfamiliarização que forçam novas percepções de 'categorias conceituais que sustentem a discussão em primeiro lugar.') e interdisciplinaridade 'instrumental', ou seja, aplicada pragmaticamente (Quayson24,39, apud Huggan, 2008, p6).

Huggan argumenta que mesmo a interdisciplinaridade sinóptica não deixa de ser, em essência, pragmática ou instrumental, uma vez que conceitos e teorias desenvolvidos nesta área têm objetivos práticos e claros relacionados à "necessidade de se dismantelar sistemas de dominação (notadamente o imperialismo) e hábitos ossificados de pensamento" (p.6). Duas outras observações de Huggan são importantes de se ressaltar: 1) até o momento, os estudos pós-coloniais são marcados mais por um desejo coletivo de transdisciplinaridade que por iniciativas genuinamente colaborativas por parte de programas e de pesquisadores; 2) a atividade interdisciplinar neste campo encontra-se restrita a indivíduos cujas idéias e métodos foram livremente emprestados de outras disciplinas e re-instrumentalizados para atender aos requisitos da crítica antiimperialista. Tais trabalhos são válidos, porém, podem ser caracterizados como trabalhos interdiscursivos e não exatamente interdisciplinares. Tal situação revela a ' contínua disparidade entre ambições teóricas e realizações práticas'. Esta parece ser uma característica da 'ansiedade da interdisciplinaridade, como descreve o autor. Cito:

Os estudos pós-coloniais, por esta e outras razões, tem estado sujeitos à 'ansiedade da interdisciplinaridade', que está espalhada por toda a área de humanidades, em particular, mas também no sistema universitário como um todo (Coles e Defert). Esta preocupação tem se manifestado em diferentes frentes: no que se refere à erosão das fronteiras disciplinares tradicionais, o que pode acarretar um comprometimento do conhecimento disciplinar tão arduamente conquistado; na ameaça feita à identidade institucional e ao espectro de uma irrecuperável perda de autonomia intelectual. Na suspeita de que 'o espetáculo da multiplicidade cultural pode fomentar uma permissividade relativista que reconhece a fertilidade de diversas agendas (mas) se recusa a fazer discriminações entre elas (Thomas, 19); na incerteza a respeito da efetividade de projetos interdisciplinares ostensivamente equipados para ampliar interesses de comunidades, mas prontamente assimilados às estreitas agendas acadêmicas e atividades de pesquisa que cultuam a si mesmas; e não menos importante, o legítimo receio de que a rotina dos crescentes chamados para a interdisciplinaridade e filiação transversal de departamentos possam ser 'cantos de sereia' que as administrações das universidades usam para atrair departamentos e unidades administrativas maiores para o seu próprio esquema maquiavélico de corte de custos. Para alguns, os modos interdisciplinares de análise crítica fornecem o potencial para trazer diferentes áreas de conhecimento disciplinar para um diálogo e um confronto construtivo; para outros, entretanto, um compromisso com a interdisciplinaridade reside em, na melhor das hipóteses, num modismo acadêmico contagioso, e na pior delas, um alibi para o diletantismo e para uma abordagem consumista, 'estilo cafeteria' da educação universitária como um todo (ver, por exemplo, Heckhausen). Assim, enquanto modelos de pesquisa e ensino transdisciplinar não são, de modo algum, novos, as últimas iniciativas interdisciplinares parecem atrair, mais do que nunca, previsões maldosas de algo que se faz de maneira apressada, mais fácil e mais simples, sem prestar muita atenção às regras e métodos e uma inevitável queda nos *standards* acadêmicos, ou a procura de preocupadas promessas de que a interdisciplinaridade seja baseada nas bases disciplinares mais sólidas: 'para ser interdisciplinar é necessário que se seja disciplinar primeiro – baseado em uma disciplina, preferivelmente duas'. (Foster 162) (HUGGAN, 2008, p. 6-7)

Como se nota, não há um consenso a respeito da interdisciplinaridade nos estudos pós-coloniais. Uma ilustração desta falta de consenso é dada por Huggan ao descrever as rusgas, os desentendimentos e os ataques mútuos entre pesquisadores de disciplinas que poderiam trabalhar em colaboração e de maneira interdisciplinar. Os casos que o autor usa como exemplos são: estudos pós-coloniais e história e estudos pós-coloniais e antropologia. Ao fechar seus comentários sobre as relações entre pós-colonialismo e história, o pesquisador de Leeds vai direto ao ponto:

Em casos mais favoráveis, aparentemente, os objetivos integrativos da interdisciplinaridade são projetados para o futuro; nos casos menos favoráveis, os ideais cooperativos são grotescamente distorcidos em

retratos caricaturais de guerra de território, enquanto o potencial para um diálogo construtivo através das fronteiras disciplinares se transforma em trocas rotineiras de agressões departamentais. (HUGGAN, p.8)

O mesmo acontece, porém de maneira um pouco mais agressiva, entre pós-colonialistas e antropólogos, que trocam acusações mútuas de eurocentrismo, carreirismo acadêmico e pensamento reducionista. Por tais descrições, fica evidente que as performances de pesquisadores de tendências, de opiniões e de agendas diferentes são os maiores obstáculos para que se criem condições favoráveis ao desenvolvimento de uma prática interdisciplinar cujo alcance e impacto possam ser mais duradouros, dentro e fora das fronteiras acadêmicas.

Mas haverá um consenso nas outras áreas das humanidades, mais especificamente nas áreas da literatura, da teoria e da crítica literárias? Talvez um consenso seja até uma contradição. Porém, a reflexão sobre o tema pode (e deve) levar a, pelo menos, uma tomada de posição, consciente da transitoriedade de suas abordagens e ferramentas teóricas, por parte de pesquisadores e grupos de pesquisa, sejam eles pós-colonialistas ou não.

Pós-colonialismo e o Literário

A parte final da introdução de Huggan trata das possibilidades de uma crítica pós-colonialista e interdisciplinar do fenômeno literário. Para ele, os estudos literários pós-coloniais são ora condenados como uma relíquia de modelos de crítica textual anti-colonialistas já ultrapassados, ora são vistos como um vislumbre de modelos de vanguarda que viabilizam modos mais atualizados e correntes dos estudos culturais transnacionais. Entre um e outro pólo, ficam os estudiosos de literatura. Cito suas palavras novamente:

Certamente, os pesquisadores da literatura tem se tornado vítimas das mudanças estruturais dentro da profissão acadêmica que foram trazidas pelas políticas recentes de racionalização econômica que são frequentemente mal administradas e mal orientadas. Mas, por outro lado, os pesquisadores de literatura se mostram prontos para aceitar o capital cultural que este status de vítima traz consigo, mas não estão tão prontos para explicar o valor do literário para não iniciados dentro ou

fora das universidades onde a maioria deles está empregada. Esta situação é discutivelmente exacerbada quando o valor da literatura é aclamado como auto-evidente, como é o caso em alguns tipos de pesquisas pós-coloniais que se apóiam fortemente em abordagens culturalísticas. (p.12)

Uma saída para tal situação seria, de acordo com Huggan, encontrar uma ligação, uma conexão entre o literário e outras representações culturais. Esta conexão estaria no papel efetivo da imaginação em todos os aspectos da vida social como apontam o crítico literário e cultural Quayson e o antropólogo Appadurai (apud HUGGAN, p.12). O papel transformador da imaginação não se restringe ao literário, à arte ou ao mito, mas está presente no trabalho mental das pessoas em muitas sociedades contemporâneas. Segundo estes pensadores a literatura tem, além da capacidade de imaginar os meios pelos quais a realidade tem sido ou pode ser interpretada, a capacidade de realmente afetar o modo como a realidade é produzida. (p.13)

Interpretada deste modo, a literatura exerceria uma grande influência no 'repertório conceitual das sociedades contemporâneas' no qual autores contribuiriam para a 'construção de mapas sociais e morais de seus leitores'. (Appadurai, apud HUGGAN, p. 12). Por outro lado, ao colocar a imaginação (ou os trabalhos imaginativos) como o sopro vital que move não apenas as artes em geral e a literatura, mas todo um complexo social e cultural, o crítico implicitamente sugere uma concepção diferenciada de análise, por conseguinte, uma transformação e uma 'descolonização' da academia contemporânea, baseada no diálogo e na transformação de disciplinas e não no fim das disciplinas.

Finalizando sua introdução o autor sintetiza a situação atual dos estudos pós-coloniais e reafirma a necessidade de medidas interdisciplinares mais transformadoras e efetivas. Escreve ele:

A interdisciplinaridade pós-colonial, assim como quaisquer outras formas de prática interdisciplinar, ainda precisa reconhecer a discrepância entre modelos individuais de transgressão interdisciplinar (frequentemente menos 'transgressivos' do que dizem ser, ainda menos interdisciplinares em sentidos metodológicos mais rigorosos) e iniciativas implementadas colaborativamente, mais comuns nas ciências que nas humanidades, que trabalham no sentido de integrar diferentes treinamentos intelectuais e perspectivas disciplinares de grupos selecionados ou equipes na busca de objetivos de pesquisas socialmente aplicáveis. Talvez, neste contexto, a ansiedade da interdisciplinaridade consista não tanto na ameaça – mesmo que esta esteja sempre presente – da

territorialidade institucional quanto na relutância pública em reconhecer as instituições acadêmicas como fóruns privilegiados para o intercâmbio intelectual produtivo. (p.14)

Está aí um ponto crucial, não apenas para o futuro dos estudos pós-coloniais, mas também dos estudos literários e das humanidades em geral. É inegável que as transformações sociais e culturais contemporâneas exigem estudos e análises que ultrapassem as fronteiras disciplinares e que ajudem a fomentar transformações nas relações entre academia e sociedade de maneira mais dinâmica e dialógica.

Obras mencionadas:

APPADURAI, A. *Modernity at Large: The Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996

HECKHAUSEN, H. 'Discipline and Interdisciplinarity'. In: *Problems of Teaching and Research in Universities*. Ed. L. apostel. Paris: OECD, 1973, 83-89

HUGGAN, G. *Interdisciplinary Measures – Literature and the future of postcolonial Studies*. Liverpool: Liverpool University Press, 2008

KLEIN, J.T. *Interdisciplinarity: History, Theory and Practice*. Detroit, Wayne state university Press, 1990

QUAYSON, A. *Calibrations: Reading for the Social*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003

WOLF, J. 'Excess and Inhibition: Interdisciplinarity and the study of Art'. In: Grossberg, Trechler and Nelson (eds). 706-18